

Editorial

Guerra, socioantropologia audiovisual, negacionismo e outras sociologias

Maria Francisca Pinheiro Coelho*

Mesmo a Guerra deve ter como objetivo a Paz, porque senão é uma Guerra de Extermínio.

Immanuel Kant (*A paz perpétua*).

* Maria Francisca Pinheiro Coelho é professora titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília e da equipe editorial de *Sociedade e Estado*.

1. Immanuel Kant, *A paz perpétua*, in *A paz perpetua e outros opúsculos. Textos filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 119-171.

Para Kant, a mentalidade alargada é a condição *sine qua non* do juízo. Só podemos exercer a comunicação se somos capazes de pensar a partir da perspectiva da outra pessoa, pois o pensamento crítico adota a posição de cidadão do mundo. De acordo com o filósofo, pensar com mentalidade alargada significa treinar a própria imaginação para sair em visita. A crítica significa um esforço para descobrir “as fontes e os limites” da razão. A posição crítica reconhece limites, não é dogmática¹.

Introduzimos este número da *Sociedade e Estado* com uma breve menção sobre o fenômeno da Guerra, tema relevante e atual nas ciências sociais. Enquanto a revista busca compreender os problemas e os desafios das sociedades atuais, ao produzir conhecimento plural sobre múltiplas e variadas questões, o mundo se surpreende com uma Guerra do Leste Europeu, provocada pela invasão de tropas russas no país vizinho, a Ucrânia, que insiste em reivindicar seu *status* de Estado soberano.

Quais as reais razões dessa guerra que destrói vidas, cidades, patrimônio histórico e cultural? Questões presentes nas duas guerras mundiais voltam a ameaçar o mundo e a soberania dos Estados-nações, uma conquista do século XIX. Como essa guerra reatualiza o complexo problema da *paz mundial*? Como reedita crimes como preconceitos de cor, de gênero, tão observados em áudios e imagens dessa guerra? Vemos cenas de refugiados de cor negra sofrerem discriminação e tentativas de exclusão nos trens, ao tentarem o refúgio em países vizinhos. É sofrido ver como a humanidade está longe de conviver com as diferenças e os direitos de todos os seres humanos à igualdade, independente de cor, gênero e etnia.

Ainda no século XVIII, Kant se referia à importância da formação da opinião na esfera pública compartilhada. Em seu célebre ensaio sobre a *Paz perpétua*, o filósofo assevera que mesmo em plena guerra deve ainda existir alguma confiança no modo de pensar do inimigo já que, caso contrário, não se poderia negociar paz alguma e as hostilidades resultariam em uma guerra-extermínio. Pelo visto, o século XXI não aprendeu muito com as experiências passadas e a cultura das guerras.

A única saída é a preservação das liberdades individuais, dos direitos individuais e coletivos, com respeito às diferenças culturais como única solução para um mundo que possa conviver em paz. Mas isso é um ideal, não uma realidade. Dizia Freud que as tensões entre Eros e Tânatos estão na raiz dos conflitos pessoais e sociais, sendo a guerra um deles. Em tempo real, essa guerra surpreende a todos e quebra o ritmo dos acontecimentos. Preocupa a todos, devendo ser objeto de estudos e reflexões sociológicas.

Este número da Sociedade e Estado traz reflexões sobre temas importantes e atuais. Contém o dossiê “Caminhos de uma socioantropologia da estrutura do audiovisual”, organizado pelos professores Edson de Farias (UnB) e Luís Felipe Kojima Hirano (UFG), composto de cinco artigos. Luís Felipe Hirano faz a apresentação do dossiê, ressaltando que este faz parte de um intenso diálogo entre os organizadores e autores da proposta, desde 2018, em diferentes fóruns e colóquios da Comissão de Imagem e Som nos Encontros Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) e nos Seminários de Pesquisa do Grupo Cultura, Memória e Desenvolvimento do Departamento de Sociologia da UnB. Nesses espaços acadêmicos de discussão privilegiada sobre a escritura audiovisual, ensejou-se a publicação de um balanço sobre o tema em tela nos últimos anos, que cruzasse as áreas da antropologia social e da sociologia.

Abre o dossiê o artigo “The Brazilian popular in cinematographic audiovisual culture”, de Edson Farias e Andrea Borges Leão, que tem foco na cultura audiovisual, notadamente o filme de longa metragem, no Brasil. Duas intuições informam o ponto de partida dos autores: de um lado, o popular participa da constituição de campos epistemológicos e artísticos no país; de outro, torna-se subsídios às designações do sistema sociotécnico audiovisual no país. Segundo os autores, o sistema audiovisual no Brasil oferece uma alternativa de atribuições de sentido calcadas no seu código ótico, gráfico e oral.

O artigo “Afetos e sentidos no filme *Girimunho* (2011), de Clarissa Campolina e Helvécio Marins”, de Carolina Rodrigues de Freitas, traz uma reflexão sobre a experiência sensível como impulso à criação intelectual. Esse movimento analítico-reflexivo

lança mão da análise fílmica como procedimento de leitura que possibilita a experiência sensível e leva a reflexões sobre a dimensão criativa do trabalho intelectual.

O texto “Simbolização e análise sociológica: fronteiras sociais, classificações e mobilidade a partir do longa-metragem *Parasita*”, de Salete Nery, analisa como as simbolizações nessa película são expressivas e orientadoras de condutas. A autora utiliza e se apoia, como foco de análise, em duas categorias sociológicas consideradas fundamentais: a classificação e a mobilidade social.

O trabalho “Metodologías audiovisuales participativas. Un desafío epistémico, ético y político”, de Mariano Báez Landa, procura discutir o estatuto epistemológico e os desafios de carácter ético e político da construção do campo disciplinar da antropologia audiovisual. Apresenta aportes de uma rede de investigações e de ativistas mexicanos que utilizam meios audiovisuais na investigação, docência e produção científica.

O artigo “Metamorfoses da imagem nas ciências sociais: três experiências com o filme etnográfico”, de Ana Lúcia Ferraz, é uma reflexão acerca da imagem no estudo dos processos sociais, baseado no trabalho com vídeo na pesquisa etnográfica com diferentes grupos. A autora observa que o processo de realização de um vídeo tem a ver com a relação estabelecida em campo com o dispositivo vídeo, que mobiliza um espaço performático do dar-se a ver.

Compõe ainda o dossiê, o texto “Metamorfoses da imagem nas ciências sociais: três experiências com o filme etnográfico”, de Ana Lúcia Ferraz, que examina três experiências etnográficas realizadas em diferentes contextos, com o objetivo de pensar três distintos regimes de imagem que se configuram quando as formas sociais exercem suas influências sobre as formas estéticas elaboradas no campo do filme etnográfico. Destaca que em todos estes processos, apreender os pontos de vista dos sujeitos estudados configura a possibilidade da compreensão antropológica.

Por fim, os organizadores do dossiê, Luís Felipe Kojima Hirano e Edson Farias, entrevistam Cornelia Eckert que tem uma produção bibliográfica e audiovisual obrigatória para qualquer um que queira conhecer mais a fundo aquilo que este dossiê chama de socioantropologia das escrituras audiovisuais. A entrevista tem como título “Imagem, imaginário e memória: um percurso antropológico”.

Neste número, *Sociedade e Estado*, publica também seis artigos sobre temas diversos, no espaço do fluxo contínuo. O artigo “Escalas infantis na cidade modernista: como crianças vivem e exploram Brasília”, de autoria de Rhaisa Naiade Pael

Farias, Wivian Weller e Ingrid Dittrich Wiggers, analisa formas de sociabilidade de crianças em espaços públicos de Brasília. Baseia-se em uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico com referência nos estudos sociológicos da infância. O foco da pesquisa é na forma como os profissionais veem a entrada desse segmento na atenção básica.

O artigo de Richard Miskolci e Pedro Paulo Gomes Pereira, “Between visibility and listening: access of the LGBTI+ population to primary healthcare”, visa identificar e analisar a forma como os profissionais de saúde atuam na atenção básica com foco no acesso à saúde de pessoas LGBTI+, na cidade de São Paulo. A pesquisa abrangeu as seis regionais de saúde paulistanas e o artigo centra-se na análise das entrevistas em profundidade com especialistas das regionais. Os autores concluem que a superação do enquadramento visual por uma estratégia de escuta poderia contribuir para o acesso mais efetivo das pessoas LGBTI+ à saúde integral.

O texto “A sociologia da ciência e da tecnologia no Brasil: uma análise a partir da produção em periódicos A1 entre 2010 e 2018”, de Marília Luz David, Adriano Premibida, Lorena Cândido Fleury e Jalcione Almeida, aborda a produção em sociologia da ciência e da tecnologia, publicada no Brasil entre 2010 e 2018, em periódicos nacionais Qualis A1, em sociologia. Foram examinados dados sobre o volume, o tipo e a distribuição das publicações, além das temáticas, objetos empíricos e conceitos mais frequentes.

O artigo “Da tutela à cidadania: construção social das imagens dos usuários da Política de Assistência Social”, de Priscilla Ribeiro dos Santos, Soraya Vargas Côrtes e Gustavo Conde Margarites, examina as imagens socialmente construídas da população-alvo da assistência social no Brasil. Empreende um estudo qualitativo com base na análise documental a fim de identificar os enquadramentos e as referências utilizadas nos documentos legais e administrativos para designar os grupos contemplados pelas ações de assistência social em diferentes períodos.

O trabalho “Werner Sombart: um estrangeiro na tradição sociológica?”, de autoria de João Carlos Graça, analisa a contribuição de Sombart para a teoria sociológica, indagando sobre seu eventual esquecimento nos dias atuais. Entre as contribuições de Sombart à teoria sociológica, o texto ressalta as considerações sobre a relação do capitalismo com a guerra, o luxo e a ética religiosa, a dualidade valorativa da mentalidade capitalista (como a antinomia burguês-empresário), entre outras. Para o autor, Sombart seria, em mais de um ponto de vista, plenamente nosso contemporâneo.

O artigo “A ‘meada’ do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil”, de Jean Carlos Hochsprung Miguel, contribui com uma reflexão crítica a respeito do fenômeno do negacionismo científico e da chamada “política de pós-verdade”, investigando as condições específicas de emergência, existência e ação do negacionismo climático no Brasil. Destaca o papel estratégico do negacionismo climático na visão liberal conservadora e suas consequências para o Brasil.

O texto “O risco das falsas controvérsias científicas para as políticas ambientais brasileiras”, versão traduzida do artigo “*The risk of fake controversies for Brazilian environmental policies*”, publicado no periódico *Biological Conservation* em janeiro de 2022, aborda falsas controvérsias sobre a elaboração de políticas em questões ambientais e de saúde pública no país, que resulta em grandes retrocessos na implementação dessas políticas, particularmente em questões relacionadas ao desmatamento e às mudanças climáticas.

Três resenhas compõem também esse número. Uma resenha intitulada “Interpretações múltiplas para um fenômeno complexo: explorando as multifacetadas da origem do bolsonarismo”, do livro de Rosana Pinheiro-Machado e Adriano de Freixo (Orgs.), *Brasil em transe: nova direita e desdemocratização*. O autor da resenha é Sergio Schargel, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

A resenha de Gabriel Guimarães, doutor em sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), tem por título “Variações à direita: Steven Bannon, Alexander Dugim, e Olavo de Carvalho”, do livro de Benjamin Teitelbaum, *War for eternity: Inside Bannon’s far right circle of global power brokers*. Guimarães ressalta que o livro de Teitelbaum trata de um tema que, no Novo Século, parece ganhar cada vez mais importância.

Por fim, a resenha “Os desafios contemporâneos para a democratização em países em desenvolvimento: a classe média autoritária”, de Laura Pimentel Barbosa, doutoranda em ciência política pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). O livro resenhado é de Bryn Rosenfeld: *The autocratic middle class: how state dependency reduces the demand for democracy*, de 2021.

Boa leitura!



